

Ambiente natural e história

(Dinamismo Cultural)

POR

A. JORGE DIAS

Um aspecto fundamental, no estudo das sociedades humanas, a tomar em consideração, é o ambiente natural. Não se pode compreender a cultura de um determinado grupo humano sem conhecer o quadro natural em que o grupo se move.

Os exageros de muitos autores do passado ⁽¹⁾, que pretendiam explicar de maneira simplista e bastante exclusiva diferentes aspectos das culturas, como produto da natureza, lançaram o descrédito sobre a causalidade geográfica. Mas se uma ciência evitada de tendências finalistas, ou submetida a uma rígida concepção determinista não resiste à crítica dos tempos modernos, também não é menos certo que a natureza desempenha um papel extremamente importante na maneira como se processa a adaptação de cada sociedade ao ambiente natural em que se fixou.

Evidentemente que procurar explicar as formas de cultura pela Geografia seria acreditar que o homem responde mecânicamente aos estímulos naturais, e que cada resposta seria sempre a mais adequada às circunstâncias ambientais. Daqui resultaria um determinismo que o estudo dos factos nega.

A natureza não determina nunca as acções humanas; simplesmente as condiciona. No diálogo permanente que o homem mantém com o ambiente em que vive e se move, todas as respostas são possíveis, desde as mais inteligentes às mais absurdas. Simplesmente, enquanto que as inteligentes triunfam, as absurdas não conseguem sobreviver. Todavia, entre os dois extremos há toda uma gama de respostas possíveis, e

(1) FRIEDRICH RATZEL e a sua discípula ELLEN SEMPLE são dois exemplos desta corrente determinista.

sobrevivem muitas que, não sendo as mais próprias, são, contudo, dotadas de condições de vida suficientes para se manterem ⁽¹⁾.

A natureza condiciona sobretudo no sentido de limitar a cultura e não no de a promover. Em todas as culturas humanas são incomparavelmente mais numerosos os elementos recebidos através dos contactos com outras populações do que aqueles inventados dentro da própria cultura. Portanto, com o decorrer dos milénios, este rio de cultura que vai fluindo permanentemente através de todos os povos da Terra, em proporções variáveis, põe à disposição de muitos grupos humanos elementos inventados em regiões com certas características naturais que não se repetem em toda a parte. O aproveitamento desses elementos é que é fortemente condicionado — embora não exclusivamente — pelas condições naturais de cada povo. Por um lado, o aproveitamento, por outro lado, a sua melhor adaptação às condições locais.

De facto, de que serve a uma população conhecer, digamos, a cultura do arroz, se se encontra numa região extremamente seca, ou demasiado fria? De que serve conhecer as técnicas da pesca numa região onde não exista peixe? É evidente que nestes casos o ambiente exerce uma acção limitadora destas formas de cultura.

Contudo, há regiões dotadas de condições para se explorar a pesca, como zonas da costa oriental africana, onde certas populações aí fixadas não pescam nem comem peixe ⁽²⁾. Outro exemplo curioso, apresentado por alguns autores, é o caso da Córsega que, sendo uma ilha, é habitada por uma população que se dedica de preferência à agricultura e ao pastoreio, com desprezo pela pesca.

Ao considerar os factores naturais condicionadores de cultura, convém fazê-lo de maneira adequada e não reduzir tudo simplesmente a um factor único. São vários os elementos naturais que entram em jogo; uns mais directos como: clima, relevo, solo; outros menos directos como: reino vegetal, reino animal, subsolo, isolamento, etc.

É evidente que o homem não se adapta só passivamente, como

⁽¹⁾ Por exemplo, os Onas do extremo sul da América, vivendo num clima muito severo, não encontraram neste aspecto a resposta adequada às condições ambientais, pois não souberam nunca confeccionar vestuário com as peles dos guanacos que caçavam, e limitavam-se a envolver-se nelas. (Ver: MARTIN GUSINDE, «Die Selk'nam; vom Leben und Denken eines Jägervolkes auf der Grossen Feuerlandinsel», Möding bei Wien, 1931).

⁽²⁾ Estes indígenas provêm de uma região do interior do continente, razão por que não criaram o hábito de comer peixe. O que no seu passado era uma consequência do ambiente, é hoje uma tradição absurda.

qualquer animal. Ele caracteriza-se precisamente pela capacidade de se aproveitar das forças da natureza e de as pôr ao seu serviço; é sobretudo, um agente activo, modelador do ambiente. Porém, a sua capacidade de adaptar a natureza às suas necessidades não é sempre a mesma. Varia muito conforme o desenvolvimento técnico das diferentes sociedades humanas.

Nas sociedades de economia simples, sem excedentes, o baixo nível técnico impede os homens de dominar as forças naturais. Eles são obrigados a adaptarem-se mais do que a adaptar. Dá-se então a especialização da adaptação que em certos casos, como, por exemplo, nos esquimós, se pode considerar extremamente perfeita ⁽¹⁾.

Nestes casos a adaptação pode ser a resposta mais inteligente às condições ambientais, como se deu com os Esquimós, ou pode ser uma das muitas possíveis. Os Tasmânicos, por exemplo, viviam ainda, nos princípios do século XIX, em plena Idade da Pedra ⁽²⁾. De posse de uma economia colectora simples, levavam uma existência errante e dominavam uma técnica extremamente rudimentar. Contudo, a ilha que lhes servia de pátria tinha um clima excelente, abundância de águas, plantas e animais e boa terra, se bem que de relevo montanhoso. Portanto, a sua adaptação não foi imposta pelas condições ambientais, mas a consequência de uma técnica pouco evoluída.

Todavia, se se perguntar por que razão os Tasmânicos não possuíam mais conhecimentos técnicos que lhes permitissem aproveitar melhor as riquezas naturais, a resposta terá ainda de se ir buscar ao condicionalismo geográfico. De facto, o grande isolamento em que os Tasmânicos se encontravam, desde tempos muito remotos, impediram-nos de beneficiar do permanente intercâmbio de invenções que, em grau variável, se está sempre a operar entre as sociedades humanas ⁽³⁾. Um povo entregue a si próprio tem uma capacidade de progresso muito inferior à daqueles que estão em excelentes condições de relação.

O isolamento é, portanto, um factor natural mas menos directo,

(1) JEAN GABUS, *Vie et Coutumes des Esquimaux Caribous*. Librairie Payot, Lausanne, 1944.

(2) A técnica lítica utilizada por eles coloca-os no Paleolítico inferior. (Ver: E. B. TYLOR, *On the Tasmanians as Representatives of Palaeolithic Man*, in *Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, vol. XXIII, Londres, 1894).

(3) Os Tasmânicos nem o *boomerang* conheciam, apesar de ser uma arma característica dos seus vizinhos Australianos.

visto que actua só em certas circunstâncias. No caso da Tasmânia, o enorme progresso dos transportes marítimos e aéreos veio modificar inteiramente a situação dos seus actuais habitantes. Mas esses progressos da técnica moderna que afectaram tão profundamente a situação desta ilha são a consequência do activo intercâmbio de invenções culturais durante milénios e envolvendo a colaboração das numerosas populações que habitam a Ásia, a África do Norte e a Europa.

Daqui temos de concluir que os factores geográficos não devem ser considerados de maneira absoluta, mas em função do grau de evolução das técnicas de que cada povo dispõe. Só estabelecendo uma relação entre ambiente e cultura, segundo um conceito dinâmico desta, será possível compreender o papel que o ambiente natural desempenha.

As sociedades que dispõem de técnicas muito rudimentares, com menor capacidade de transformar a natureza e de a adaptar às suas necessidades, vivem sob a sua directa dependência. A economia, a alimentação, o vestuário, os abrigos, as armas, enfim, todo o equipamento material de que dispõem estes povos, traz a marca indelével do enquadramento geográfico em que a sua vida decorre. Nas sociedades muito evoluídas e senhoras de uma técnica adiantada, já é muito menos evidente, ou praticamente nula, a marca do ambiente natural. As indústrias transformadoras das matérias-primas e a facilidade dos transportes fazem circular em áreas enormes produtos naturais das mais variadas origens, ou produtos manufacturados que em nada revelam a sua procedência.

Contudo, há regiões da Terra que oferecem aos homens imensas possibilidades, e outras que são profundamente madrastras. As primeiras permitem que através dos tempos se vão dando inúmeras transformações culturais; as segundas limitam imenso a capacidade de evolução.

Regiões subdesérticas ou desérticas exerceram sempre uma acção condicionadora de actividades. Não se pode dizer que os Bochimanes vivem numa fase de economia colectora, porque ainda não conhecem outras mais rendosas, mas sim que as condições naturais lhes não facilitam melhor aproveitamento da natureza. O mesmo se pode dizer dos Esquimós, habitantes da tundra, que também encontraram a maneira mais perfeita de adaptação às condições do ambiente.

Portanto, quando vemos populações viverem da caça, da pesca e da colheita de vegetais, como Bochimanes, Tasmânios, Esquimós e alguns índios das pradarias da América, não podemos considerá-los da mesma maneira. Enquanto que Bochimanes e Esquimós foram obriga-

dos a adaptar-se a um condicionalismo bastante rígido, os restantes só souberam aproveitar daquela maneira riquezas naturais que hoje outras populações exploram de maneira totalmente diferente.

Nas culturas primitivas, o condicionalismo natural está mais patente, salta mais aos olhos do observador, porque se traduz nas suas actividades quotidianas e em todo o seu equipamento material. Todavia, o papel que aquele desempenha nas grandes civilizações e na evolução da cultura em geral não é menor, embora se oculte sob formas de uma causalidade mais complexa. Só uma análise extremamente fina, posta ao serviço de um conhecimento muito vasto da História das Civilizações e da Etnologia, permite surpreender essa causalidade profunda e subtil.

Toda a história humana tem sido um permanente diálogo entre o homem e a natureza; diálogo em que o segundo interlocutor foi de início a figura proeminente, passando com o decorrer da história ao papel subalterno de dominada. A natureza deu ao homem todas as pedras de um xadrez complicado e as regras do jogo; depois, coube-lhe a ele ir aperfeiçoando as jogadas. Essas pedras são muitas e estão espalhadas por toda a Terra. As grandes jogadas só serão possíveis quando a humanidade dispuser das pedras todas.

As pequenas sociedades, fechadas em si mesmas, só poderão jogar um jogo muito limitado e imperfeito; mas, quando forem chamadas a jogar um jogo universal, então as combinações atingirão proporções insuspeitadas.

De facto, se analisarmos num relance a posição actual do jogo, em confronto com a que tinha há um milénio, vemos já o seguinte: na América, uma grande civilização industrial, baseada em princípios mecânicos que têm como pressuposto a roda — há meio milénio não se conhecia a roda na América; na América não se devia ter podido utilizar a roda por falta de animais de tiro — ; hoje, os Estados Unidos, a Argentina e o Uruguay exportam carne de vaca para a Europa. A batata é hoje um dos alimentos mais correntes em toda a Europa — há meio milénio não se conhecia. E, como isto, centenas e centenas de produtos vegetais, de animais e de invenções que circulam de terra para terra e vão enriquecendo o património da humanidade. Se tudo isto se deve à actividade e ao engenho do homem, também não é menos verdade que ele foi nesse empenho ajudado, ou temporariamente impedido, pelas condições naturais. Já vimos que os Tasmânicos deviam o seu atraso ao isolamento — na época em que ocuparam a ilha estavam numa fase muito primitiva de cultura. Mas se os Tasmânicos ocuparam

a ilha é porque em épocas muito remotas se deviam ter aproveitado de correntes marítimas ou ventos dominantes para aportar a uma terra tão distante. À famosa viagem do etnólogo norueguês HEYERDAHL através do Pacífico na jangada «Kon Tiki», veio demonstrar a existência da navegação em jangadas e o aproveitamento de correntes por populações pré-históricas ⁽¹⁾. O processo de difusão de cultura começou já em épocas remotíssimas e essa própria difusão está relacionada com o condicionalismo natural.

Não se pode dizer que um determinado ambiente é, em absoluto, mais favorável ou menos favorável ao homem. Como atrás dissemos, as condições que o ambiente oferece são função do tipo de cultura. Pode dizer-se que para cada tipo de cultura existe um ambiente óptimo, mas com a evolução da cultura o ambiente que foi no passado óptimo pode não o ser hoje e vice-versa.

No tempo de Péricles, a Grécia podia considerar-se uma região que reunia condições óptimas para o desenvolvimento da cultura grega. O clima temperado quente, sem grandes rigores, mas estimulante, era favorável a uma civilização pobre em recursos técnicos. O seu relevo estabelecia compartimentações onde se desenvolveram formas de cultura semelhantes mas diversas, permitindo intercâmbio de invenções e o benéfico conflito de padrões de comportamento diferentes. A sua costa recortada e os arquipélagos próximos facilitavam a navegação, aumentavam a compartimentalidade cultural e abriram pela navegação enormes perspectivas de contactos culturais com civilizações mais velhas.

O solo montanhoso e pouco fértil era suficiente para permitir uma agricultura e criação de gados capaz de alimentar uma população pouco densa.

Um sistema social que se baseava numa massa trabalhadora servil e numa elite intelectual e guerreira permitia que a desigual distribuição dos produtos da agricultura, pastoreio e pesca, desse à classe dominante um bem-estar favorável ao grande desenvolvimento de criação no campo das artes, das ciências e das letras, que atingiram um grau talvez nunca igualado em toda a história da humanidade.

Nessa mesma época, as planícies agrestes, amplas e escassamente habitadas da Europa média e setentrional eram adversas às popula-

⁽¹⁾ HEYERDAHL não pretendia propriamente provar que os primitivos tivessem navegado em jangadas, mas sim a possibilidade de habitantes da costa do Peru terem povoado as ilhas do sul da Polinésia, arrastados por correntes marítimas. Ver: THOR HEYERDAHL, «Kon Tiki».

ções que nelas habitavam. Os rigores do clima esmagavam uma humanidade de fracos recursos técnicos e que, pela baixa densidade, vivia isolada em grupos pouco numerosos nas clareiras de espessas florestas. O clima, o revestimento florestal que isolava os grupos em compartimentos estanques e a ausência de vizinhos próximos de quem recebessem uma influência decisiva eram tudo factores desfavoráveis ao desenvolvimento daquelas culturas.

Hoje, porém, com os imensos recursos técnicos e industriais baseados na exploração de jazigos minerais e de grandes fontes de energia, o que antigamente era ambiente hostil tornou-se óptimo, e o que era óptimo tornou-se pouco capaz de satisfazer às necessidades de uma civilização moderna.

As grandes planícies da Europa média, outrora cobertas de grandes florestas, cederam o lugar a excelentes terras de cultura, capazes de alimentar enormes densidades humanas. Os rigores do clima foram vencidos pelas modernas habitações de janelas duplas e aquecimento central. O frio que antigamente esmagava o homem é hoje um excelente estimulante da actividade.

O desenvolvimento das técnicas agrárias e do conforto deu lugar ao rápido crescimento da população que, preenchendo os espaços vazios, acabou por estabelecer francos contactos com todas as culturas periféricas, recebendo delas os benefícios de múltiplas invenções.

A planície que, enquanto vazia, exerce uma acção isoladora, estabelecendo como que o vácuo à volta dos grupos humanos dispersos, depois de cheia, presta-se à construção de magníficas vias de acesso, intensificando as relações.

A riqueza do subsolo veio permitir um grande desenvolvimento industrial que não só aumentou a riqueza e o bem-estar, como deu poderio político e militar e estendeu as relações a longínquas regiões do Globo, estabelecendo grandes pontes terrestres, marítimas e aéreas.

Sem a grande riqueza agrícola e mineira, não seria possível manter um alto nível na escala da civilização moderna. Por isso, a Grécia, exactamente com o ambiente do tempo de Péricles ⁽¹⁾, é um país de agricultura pobre, incapaz de alimentar uma grande densidade humana e não tem recursos mineiros que a coloquem na situação de desenvolver grandes indústrias. Por outro lado, a força de ânimo que advém da consciência de ter prestígio político e de ser respeitado no campo mili-

(¹) É possível que tenha havido diferenças climáticas, mas parece que não foram essenciais.

tar é um elemento importantíssimo de progresso, o qual falta hoje inteiramente a um país que aos olhos de muitos não passa de um museu de glórias passadas. É o mais grave é que os turistas que visitam hoje a Grécia, provenientes desses países industriais, incapazes de compreenderem que as mudanças de fortuna se devem aos azares da História, e não são sempre a consequência das virtudes ou dos vícios dos povos, olham para os gregos com aquele ar protector de comiserção próprio do pobre de espírito favorecido pela sorte (1).

Insistimos, portanto, no princípio de que não se pode compreender inteiramente o significado do ambiente se não o associarmos ao elemento tempo. A cultura vista só num determinado momento, isto é, sincrónicamente, só permite estabelecer um certo número de relações ambiente-cultura sem valor universal. A análise diacrónica da cultura enriquece-a com a dimensão em profundidade, dando uma visão muito mais perfeita da realidade cultural.

Não podemos fazer aqui uma explanação das relações entre ambiente e cultura através da história, porque isso ultrapassaria os limites deste artigo. Limitamo-nos a dar um relance do problema.

Pode dizer-se que há três fases fundamentais na vida da humanidade. A fase inicial é uma fase de expansão. Dispondo de conhecimentos elementares para enfrentar a natureza e obter dela o sustento quotidiano, o homem necessitava de áreas enormes, onde encontrasse frutos, raízes e animais que lhe permitissem matar a fome. Vivendo em pequenos grupos, pois um tipo de economia colectora não consente na formação de grandes sociedades humanas, eram obrigados a deslocar-se continuamente em busca de novos territórios que lhes fornecessem alimentos, visto que depressa se esgotavam os recursos naquelles em que algum tempo paravam. Durante este período imenso, em que o homem errou, vagabundo, pela superfície da Terra, a sua vida foi extremamente precária e sujeita a enormes mudanças de clima e de condições naturais. Foi a grande luta do homem contra a natureza, com instrumentos e armas de pedra lascada e de outros materiais mais simples de trabalhar, como a madeira, o osso e o marfim.

Aproximadamente 10.000 anos A. C., opera-se uma tremenda revolução técnica que vem mudar consideravelmente a vida do homem: é a descoberta da agricultura. Este período, chamado Neolítico, pelo

(1) Naturalmente que isto só diz respeito à grande massa de turistas e não aos poucos, para quem a Grécia ainda hoje é um santuário, onde se entra de chapéu na mão.

uso de instrumentos líticos, que acompanha a utilização da cerâmica e o cultivo de algumas espécies vegetais, representa o início de uma nova fase que contribui para acelerar o progresso e humanizar o homem. À primeira fase expansionista, de isolamento e de diferenciação, opõe-se esta em que sobressai a relação, a fusão e a tendência para a universalidade.

Os excedentes alimentares que resultam de técnicas agrárias que a pouco e pouco se vão aperfeiçoando, permitem que se constituam grupos humanos mais numerosos, e que dentro de cada sociedade se comece a estabelecer a especialização do trabalho.

A abundância de certos produtos nuns lugares e a carência deles noutros dá origem a permutas que com o tempo se transformam em mercados regulares e transacções comerciais entre uns lugares e outros. O intercâmbio de mercadorias é acompanhado de intercâmbio de ideias, e o progresso torna-se uniformemente acelerado. A rede de relações que uns grupos estabelecem com outros é cada vez mais ampla e a consequência é que, da simples agricultura de enxada e da criação de gado, resulta uma técnica agrícola superior com a descoberta do arado e a utilização da força animal para as lavouras e outros benefícios consequentes da combinação da agricultura com a criação de animais.

A sedentarização começa a dar-se definitivamente e, nalguns lugares mais favorecidos, a densidade humana é enorme.

Em seis mil anos a humanidade tinha feito um progresso espantoso. Da utilização da pedra passou à dos metais: cobre, bronze e ferro.

Os progressos materiais são acompanhados de grande complexidade social e com esta também se desenvolveram aspectos negativos da natureza humana, como a excessiva ambição de riqueza e de poder que necessariamente conduziam à escravidão e à guerra. Começa a grande luta do homem contra o homem. Aqueles que possuíam novas fontes de riqueza e de poder impunham a vizinhos mais fracos a sua hegemonia. Outros, movidos por uma ancestralidade nómada, lançavam-se em grandes expedições através de continentes, como, por exemplo, os povos indo-europeus, que do Oriente chegaram às costas ocidentais da Europa. Entre estes, os Celtas, senhores da técnica do ferro, que lhes dava superioridade económica e militar, vieram até à nossa Península e fundiram-se com o substrato autóctone ibérico.

Na primeira fase da evolução humana, no chamado Paleolítico, os grupos espalhados pelas várias regiões da Terra iam-se adaptando às condições ambientais o melhor que podiam e, se uns eram mais hábeis, e outros encontravam regiões mais favoráveis, a sua vida decorria mais

farta e mais feliz, mas sem afectar, na sua essência, o tipo fundamental de economia comum a todos, que era a caça e a colecta.

Porém, a descoberta da agricultura, que tudo leva a crer se tivesse dado em vários lugares da Terra e em épocas diferentes, é bem de crer que estivesse relacionada com lugares mais favoráveis à agricultura. Pelo menos, muitos lugares da Terra ficariam excluídos pelas poucas condições que oferecem para a economia agrícola. Mas a margem de probabilidades é enorme, visto que são imensas as regiões onde é possível a prática da agricultura. O mesmo se dá com a criação de gados, pois há muitas terras com aptidões pastoris, embora nem todas tivessem animais domesticáveis.

Todavia, a agricultura superior, onde aquela aparece combinada com a criação de gados que permite a utilização do arado, ou uma agricultura tão rendosa por condições naturais invulgares, ou pelo uso de culturas de regadio, não se podia dar inicialmente em muitos lugares do Globo. Foi preciso que um conjunto de circunstâncias felizes reunisse as condições óptimas para tal tipo de economia: terras de aluvião férteis, junto de rios sujeitos a cheias periódicas, de clima temperado quente, onde não houvesse invernos muito rigorosos e com regiões próximas propícias à vida pastoril. Reuniam estas condições, ou algumas delas, regiões do sul da China, o vale do Hindus, a Mesopotâmia, o Egipto, regiões da América Central e outras terras americanas próximas, em idênticas condições.

Pode dizer-se que são estas as terras que ofereciam as condições óptimas para este tipo de economia e é também nelas que nós vamos encontrar as primeiras civilizações de tipo agrícola superior. O arado parece ter surgido na Mesopotâmia na Idade do Bronze, uns 3.500 anos A. C., e a sua invenção e utilização devem-se à combinação da cultura das terras fundas com a criação de gados de povos ganadeiros vizinhos.

A abundância de excedentes permite a formação de sociedades altamente estratificadas. No vértice da pirâmide social erguem-se poderosos monarcas, às vezes monarcas teocráticos, endeusados pelo seu incomensurável poder e riqueza. A grande massa humana, liberta dos trabalhos da produção alimentar, desvia-se para a produção de artigos supérfluos e para actividades desinteressadas. A aristocracia e as classes poderosas, cada vez mais ávidas de luxo e impelidas pelo desejo de rivalizar, estendem os seus tentáculos a regiões distantes, em expedições guerreiras de domínio, de conquista ou predatórias. Certos povos, como os Fenícios, especializaram-se na navegação e no comér-

cio. Produtos ambicionados: ouro, cobre e estanho, pedras preciosas, marfim, peles raras, são objecto de grandes viagens por mar e por terra.

Surgem, então, países de colonização em lugares distantes. Fundam-se cidades e estados coloniais, entre os quais sobressai Cartago, fundada pelos Fenícios.

Estes movimentos de exploração, colonização e intercâmbio de mercadorias vão difundindo por regiões menos favorecidas inúmeros elementos culturais. Ao longo das costas ocidentais europeias, os viajantes do Mediterrâneo vão espalhando cultura.

Finalmente, surge a cultura grega de que atrás falámos, que, aproveitando os imensos benefícios de culturas mais antigas, realiza aquilo que se chama o milagre grego. Apareceu, de facto, pela primeira vez na história da humanidade, um tipo de pensamento filosófico que despreza as explicações míticas e procura uma causalidade real baseada na reflexão crítica e na observação da natureza. Este tipo de pensamento abre perspectivas novas às sociedades humanas e é através dele que a civilização europeia atinge o seu apogeu, por um domínio cada vez mais perfeito das forças da natureza, mercê do pensamento científico e da sua aplicação prática às necessidades do homem, através da técnica moderna.

A Grécia expande-se, funda colónias, entre as quais a Magna Grécia no sul da Península Itálica, e finalmente é ela própria dominada e incluída dentro de um novo estado — Roma.

O Império Romano, que tanto recebeu da Grécia, mesmo durante o período de dominação, perde em altitude o que ganha em extensão. Não atingiu nunca a elevação da cultura grega no campo da criação do espírito, mas levou os rudimentos da civilização grega a áreas muito maiores. Roma consegue fundar um grande império mercê da sua vocação para organizar, administrar e codificar. Abre estradas, impõe princípios gerais administrativos às regiões bárbaras que vai conquistando, impõe um idioma comum, impõe uma legislação comum e, aos poucos, os benefícios de uma civilização superior vão-se difundindo. A penetração romana não se faz de maneira perfeitamente homogénea em todas as províncias do seu, então, vasto império. Só nas regiões mais propícias à difusão da sua cultura, por maior afinidade ambiental ⁽¹⁾ com a pátria de origem, é que se instala a verdadeira civilização romana.

(¹) Sobre a importância do factor afinidade ambiental, ver JORGE DIAS, «Os arados portugueses e as suas prováveis origens», separata do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular, Porto, 1948, págs. 79-85.

Nas regiões mais inóspitas e menos afins, Roma limita-se a exercer uma acção administrativa, mas não tem uma influência cultural profunda (1).

Por sua vez, os limites do Império Romano são em parte a barreira da hostilidade de culturas muito diversas de populações que habitam regiões sem afinidade com o mundo Mediterrâneo.

Os longos contactos entre o Mundo Romano e as populações germânicas vão fornecendo a estas inúmeros elementos culturais que, adaptados às condições de vida diferentes do seu ambiente, acabam por colocá-las na posição de lutar com vantagem contra um inimigo imensamente enfraquecido pela corrupção que resultou do amor desmedido do poder, das riquezas e dos vícios.

Todos estes sucessos históricos estão, como vemos, condicionados aos factores naturais. Não foi arbitrariamente que a difusão se foi fazendo a partir de umas regiões e só chega a outras mais tarde, para não falar nos surtos da civilização que se explicam pelos encontros e fusões de populações diversas, como se deu na Grécia e, mais tarde, em Roma.

Com a invasão dos bárbaros, o Império Romano sucumbe e das suas ruínas surge uma coisa nova que vai dar origem à Europa Moderna. Esses diferentes estados medievais, enriquecidos pela fusão de sangues novos e de diferentes elementos culturais, trazem consigo um perigoso elemento de atomização, pelo choque de inúmeras personalidades guerreiras senhoras de pequenos estados feudais, sem força de coesão suficiente para se aglutinarem. Os interesses individuais e os costumes bárbaros e cruéis que podiam ter arrastado a grandes excessos, foram milagrosamente salvos da anarquia pelo Cristianismo (2).

A grande mensagem de Cristo vem suavizar os costumes, ao mesmo tempo que impõe um ideal de unificação humana sob o símbolo da Cruz (3). A conversão dos povos germânicos ao Cristianismo contribui para maior consciência da comunhão de interesses e da fraternidade dos homens.

(1) São imensas as regiões montanhosas de clima agreste do Norte e Noroeste da Península Ibérica, onde se mantêm traços culturais anteriores à dominação romana até nossos dias. Ver: JORGE DIAS, «Vilarinho da Furna», Porto, 1948 e «Rio de Onor», Porto, 1953.

(2) Na Europa ainda se faziam sacrifícios humanos nos fins do século II e princípios do I A. C., segundo as notícias que nos deixou JÚLIO CÉSAR, referindo-se aos Celtas da Gália.

(3) O Sacro Império Romano.

Uma análise rápida da evolução da cultura europeia mostra como a ordem cronológica de certos factos não se afasta dos princípios expostos. O Renascimento clássico dá-se primeiro na Itália, o que não admira, visto ter sido aí um dos centros da antiguidade clássica. Depois, o período do apogeu literário e artístico passa a Portugal e a Espanha. O *Siglo de Oro* espanhol é o século XVII. Essa grande culminância intelectual é acompanhada por outras manifestações de poderio político e militar. Portugal teve no século XVI a maior armada do Mundo e a infantaria espanhola do século XVII era considerada invencível. Porém, no século XVIII, o apogeu literário, artístico, político e militar tinha passado para a França; é o reinado de Luís XIV, o Rei Sol. Mas, no século XIX, vê-se de repente crescer a Alemanha. É a época da unificação política de uma nação que chegou a estar dividida em cerca de 400 estados independentes. Os grandes clássicos alemães, Goethe e Schiller, só aparecem nessa época, que inicia uma grande actividade intelectual no campo das letras, da música, do pensamento e da ciência. A Alemanha que no século XVIII tinha sido facilmente invadida por Napoleão, acaba por se tornar agora uma nação de grande poderio militar e ambição política. Finalmente, a Rússia, que no século XVIII tinha uma pequena elite ocidentalizada, mas era em grande parte uma nação com populações nómadas e bárbaras, começa nos fins do século XIX a surgir no mundo da criação intelectual com os seus poetas, como Pouchkin, e romancistas, músicos e bailarinos da mais elevada classe. A revolução bolchevista veio interromper esta evolução e hoje só temos como manifestações do progresso o aspecto negativo, que é o grande poderio militar e político e o desenvolvimento industrial que o serve.

Vê-se como a marcha se fez de regiões mais compartimentadas, de âmbito mais reduzido e de clima mais favorável, onde o aumento populacional pôde mais cedo preencher os pequenos espaços vazios, estabelecendo contactos fáceis entre todos os indivíduos da nação, e só mais tarde atingiu as grandes regiões planas e abertas, onde a pequena densidade humana formava zonas de rarefacção que eram como que barreiras a impedir a unificação total da nação. Por isso, a unificação política tardia da Alemanha e ainda mais tardia da Rússia.

Está claro que nesta visão sumária não se tomam em conta outros factores muito importantes, como abundância de matérias-primas, fertilidade do solo, etc., e aspectos históricos que vêm favorecer ou dificultar a difusão de certos aspectos culturais.

Devemos ainda chamar a atenção para um facto curioso e que

está na mesma linha de ideias. Depois que a Europa atingiu o seu apogeu sob a forma de nacionalismos egocêntricos e de regionalismos separatistas, vê-se, de repente, esboçar um movimento de unidade europeia que tem como ideal a defesa de uma cultura comum, a cultura ocidental, e como símbolo, a cruz de Cristo, que deu a essa mesma cultura um cunho inteiramente novo e único na História da Humanidade. Todas as diferenças de línguas e de dialectos, de tipos de vida, e de seitas religiosas, que durante tanto tempo pareciam barreiras intransponíveis, tendem a desaparecer perante a ameaça de um perigo comum, porque as diferenças são mais aparentes do que reais, quando postas em confronto com diferenças fundamentais. Praticamente, todos os povos europeus falam línguas que provêm de um tronco comum, o indo-europeu; as diferenças de cultura são afinal variantes da mesma cultura e as diferentes seitas religiosas são também confissões que adoram o mesmo Deus, aceitam a mesma moral cristã e possuem o mesmo livro sagrado — os Evangelhos. Realiza-se, afinal, a velha aspiração do Sacro Império Romano, não pela imposição de um estado, mas pela livre vontade de todos que nessa aliança ideal vêm a sua sobrevivência pessoal e a de valores que se habituaram a respeitar acima de tudo.